

HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: ENTRE OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA AÇÃO DOCENTE

Moizés Generino da Silva- UFRPE (professormoizesgenerino@hotmail.com)¹

Sandra Karla Martins Xavier UFRPE (sk.martins@hotmail.com)²

Mirameles Sabino da Silva -UFRPE (mirameles@gmail.com)³

RESUMO

A questão da sexualidade é colocada no âmbito escolar com limitações, tratando apenas as questões de estudo do corpo físico, das diferenças biológicas, dos cuidados preventivos contra doenças e afins. Pontuando sua inegável importância, tais estudos certamente não alcançam os desafios em se compreender o ser homem ou mulher, o seguir um padrão sexual ou não e as “novas” possibilidades de viver a sexualidade. Os que se afirmam homossexuais sofrem inúmeros preconceitos. A escola, propiciadora e formadora de sujeitos de direitos e deveres, necessita de um corpo docente apto a lidar com a diversidade sexual, seus limites e possibilidades. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei de nº 9.394/96) encontramos as bases para uma escola pluralista, respeitando a diversidade em todas as suas dimensões. Silva (2004) problematiza que na escola existem pessoas com diferentes experiências de construções do que significa “ser homem” ou “ser mulher”, não existindo apenas um único jeito correto de ser. O estudo é de abordagem qualitativa (OLIVEIRA, 2005), apoiada no instrumento de aplicação de questionário com 15 professores do Ensino Médio em escolas públicas estaduais do município da Vitória de Santo Antão. O procedimento foi de análise de conteúdo, sistematizada a partir dos estudos de Bardin (1977). Verificou-se, segundo os professores, serem poucos discentes a admitirem sua homossexualidade. Apontaram que buscam respeitar as diferentes opções sexuais dos discentes, sentem-se aptos a responder questões sobre a homossexualidade. O diálogo foi elencado como a forma para lidar com tais situações.

Palavras-chaves: Homossexualidade; escola; limites e possibilidades.

ABSTRACT

The issue of sexuality is placed within school with limitations, treating only the issues of the physical body, study of the biological differences, preventive care and related diseases. Punctuating its undeniable importance, such studies would certainly not reach

¹ Primeiro Autor é Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, pós-graduado em Psicopedagogia pela Universidade de Campinas, Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia em Pedagogia, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel Medeiros, s/n, Recife, PE, CEP 52171-9000.

² Segunda Autora é Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, na modalidade a distância. Rua Dom Manuel Medeiros, s/n, Recife, PE, CEP 52171-9000.

³ Terceira Orientadora é Pedagoga e Especialista em Psicopedagoga, tutora virtual Senasp/UAB do curso de Pedagogia da Universidade Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel Medeiros, s/n, Recife, PE, CEP 52171-900.

the challenges in understanding be men or women, follow a pattern or not sex and the "new" possibilities of living sexuality. Those who claim homosexuals suffer numerous prejudices. The school, one whose intercession brought and forming subjects of rights and duties, requires a faculty capable of dealing with sexual diversity, its limits and possibilities. In the law of Guidelines and Bases of Brazilian education (Law No. 9,394/96) found the basis for a pluralist school, respecting the diversity in all its dimensions. Silva (2004), discusses at school there are people with different experiences of construction of what it means to "be a man" or "woman", in the absence of only one right way to be. the study is qualitative approach (OLIVEIRA, 2005), supported the application of instrument questionnaire with 15 teachers high school in State public schools of the municipality of Vitória de Santo Antão. The procedure was systematized, content analysis from the studies of Bardin (1977).It was found, according to the teachers, being few students to admit his homosexuality. Pointed out that seek to respect the different sexual choices of students, are able to answer questions about homosexuality. The dialogue was ranked as the way to deal with such situations.

Key words: Homosexuality; school; limits and possibilities.

Introdução

A ação de ensinar e de aprender são processos que envolvem professores e alunos numa constante interação. Quanto mais autêntica, dinâmica e rica forem tais interações maiores serão os ensinamentos e as aprendizagens. Nesse processo, não apenas os conteúdos curriculares emergem, mas temáticas as mais variadas. Temas sobre a diversidade humana, religiosa, étnica, política, sexual, etc. estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar.

A partir desta constatação nasceu o interesse pela realização deste estudo. A questão da homossexualidade sempre foi vista e colocada no âmbito escolar "debaixo do tapete", limitando-se, em geral, as questões de estudo do corpo físico, das diferenças biológicas, dos cuidados preventivos contra doenças e afins. Tais estudos são muito importantes, é claro. Mas, não contemplam os desafios em se compreender o ser homem ou mulher, o seguir um padrão sexual ou não, entender motivos/desejos desses desvios e "novas" possibilidades de viver a sexualidade.

Os que se afirmam como homossexuais, em geral, sofrem de inúmeros preconceitos, constrangimentos, violência física, moral e verbal, dentro e fora do contexto escolar. Sendo a escola o local de ensinar e de aprender, como tais temáticas estão sendo vividas? Os professores estão aptos a lidar com a diversidade sexual presente em sala de

aula? Ou silenciam, reproduzindo (de forma consciente ou não) a discriminação contra os homossexuais.

Sabe-se que o Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), oferece a possibilidade de trabalhar a orientação sexual como um tema interdisciplinar, onde se incluem informações sobre a homossexualidade. O referido documento aponta que “as manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola” (Brasil, 1998, p. 291). Daí a relevância deste estudo, que busca trazer à reflexão os limites e as possibilidades de agir em sala de aula de modo que a sexualidade seja vivida de modo seguro e feliz, a partir de opções éticas, não violentas e não homofóbicas.

Assim sendo, buscamos:

- ❖ Analisar as diretrizes legais e os pressupostos teóricos sobre a homossexualidade na escola;
- ❖ Identificar, entre os professores, quais as dificuldades em lidar com a questão da homossexualidade na escola;
- ❖ Caracterizar quais as possibilidades de uma ação docente não preconceituosa e não homofóbica.

Nossa hipótese é a de que quando adolescentes ou jovens assumem a sua orientação sexual diante da família, igreja e sociedade, em geral, sofrem preconceitos homofóbicos, que implicam na sua vida escolar. Sendo a escola um local de formação de cidadãos e de aceitação de todas as diversidades, a mesma tem um papel fundamental no combate a homofobia. O professor como mediador do ensino e da aprendizagem tem que ter uma postura anti-homofóbica na sala de aula que leve os alunos a aceitação da diversidade sexual no contexto escolar, como fora dele.

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa qualitativa. Serão feitas entrevistas com os professores que atuam no Ensino Médio das escolas Antonio Dias Cardoso, Professora Eudóxia Ferreira e Professora Amélia Coelho. O material empírico obtido será submetido à técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Apontamos que a suposta tranquilidade com que alguns professores aceitam comportamentos homoafetivos pode esconder uma diversidade de práticas e sentimentos. A postura do educador deve volta-se para (re)orientar os adolescentes e jovens, atribuindo à orientação sexual desse indivíduo a condição de doença e/ou desvio do comportamento.

As condutas revestem-se de penalizantes insistências sobre que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas, reforçando o paradigma heteronormativo e convocam à reflexão sobre as consequências e prejuízos da intolerância social, sinalizando que o enfrentamento da discriminação fundamenta-se na adoção de políticas públicas que defendam a igualdade de direitos e respeito à diversidade sexual.

É válido ressaltar, que tal temática será a primeira investigação em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), no Curso de Pedagogia desta Instituição de Ensino. Por um lado, tal constatação aponta o quanto tal temática é emergente. Por outro, releva a necessidade de novos estudos da mesma natureza, para que práticas discriminatórias, violentas e homofóbicas ocupem um lugar no passado de nossas escolas e de nossa vida social.

Metodologia

Para realizar este estudo, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa. A necessidade do debate sobre diversidade na escola justifica-se pela possibilidade dos professores informarem, refletirem e orientarem, não só os alunos, mas também toda a comunidade escolar, sobre valores éticos importantes, como respeito e exercício da cidadania plena.

A abordagem qualitativa, segundo Oliveira (2005), “pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas” (p.66) através dos instrumentos de coleta de dados. Ainda segundo a autora, além de facilitar a descrição de fatos e/ou fenômenos, é preciso entender que as abordagens quantitativas e qualitativas não são excludentes e até diríamos que elas se complementam, visto que existem fatos que são do domínio quantitativo e outros de domínio qualitativo (p. 67/68).

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados mais descritivos, que são obtidos a partir do contato direto do pesquisador com a situação que está sendo estudada. Nesta concepção, a abordagem qualitativa dá mais ênfase ao processo do que ao produto, buscando apresentar as perspectivas dos participantes.

Neste sentido, no trabalho de pesquisa qualitativa, todos os instrumentos devem ser considerados inclusive os dados que serão analisados, contudo para que ocorra um estudo bem organizado é fundamental que os métodos utilizados sejam compreendidos,

deixando claro o objetivo alcançado. Este estudo utilizou como procedimentos de coleta de dados a aplicação de questionários com 15 (quinze) professores do Ensino Médio que atuam em escolas públicas no município de Vitória de Santo Antão. Para Oliveira o questionário pode ser definido como

“Uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador deseja registrar para atender aos objetivos de seu estudo (2005, p. 89).”

A etapa de organização e análise dos dados encontrados é extremamente relevante no processo de pesquisa, pois é nesta etapa em que o pesquisador irá se deparar com os aspectos reais do estudo. Com o intuito de melhor materializar esse procedimento, utilizamos para a análise dos dados coletados as técnicas da análise de conteúdo, sistematizada a partir dos estudos de Bardin (1977).

A análise de conteúdo, mais do que um procedimento técnico, faz parte de uma histórica e contínua busca teórica e prática no campo de investigação das Ciências Sociais. A Análise de Conteúdos se constitui como

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequência que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade (BARDIN, 1977, p.9).

Assim, os dados obtidos nos questionários foram lidos, analisados e organizados a partir das convergências e/ou divergências. Os dados foram comparados e descritos e, por fim, a interpretação dos dados, com auxílio dos autores estudados. Essa etapa, portanto, constituiu-se como núcleo central deste estudo, por convergir as concepções teóricas com as concepções empíricas.

Análise dos resultados

Antes de apresentar os resultados obtidos neste estudo, apresentaremos um breve perfil das escolas que participantes. A Escola Antônio Dias Cardoso está localizada na Rua José Augusto s/nº e faz parte da rede estadual do município da Vitória de Santo Antão. A mesma funciona os três turnos (manhã, tarde e noite) e tem aproximadamente 1.400

alunos a oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. A Escola Professora Amélia Coelho está localizada na Rua Jornalista José Miranda, s/nº. Funciona nos turnos da manhã, tarde e noite atendendo, aproximadamente, 1.000 alunos. A Escola Professora Eudóxia Ferreira está localizada na Rua Estrada Nova, s/nº. Também funciona nos três turnos e tem, aproximadamente, 950 alunos. Ambas as escolas compõem o quadro de escolas públicas estaduais no município da Vitória de Santo Antão. Ambas as instituições oferecem o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio à comunidade onde estão inseridas.

Como já foi explicitado, foram aplicados 15 (quinze) questionários (ver apêndice) aos professores, todos atuando no Ensino Médio das referidas escolas. Para a sistematização dos resultados, as questões mais significativas serão apresentadas e analisadas a partir de então.

Do total de docentes que participaram deste estudo, 07 (sete) são do gênero masculino e 08 (oito) do gênero feminino. A faixa etária dos participantes encontra-se entre os 35 e 45 anos, em média. No que se refere à opção sexual 02 (dois) professores se declaram como homossexuais e os demais se declararam como heterossexual.

Quando questionados se a homossexualidade é uma doença apenas 01 (um) professor afirmou que sim e 14 (quatorze) afirmaram que não. Ainda sobre tal questão, 05 (cinco) professores acreditam que homossexualidade é um desvio de caráter e 10 (dez) acreditam que tratar-se de comportamento social e/ou afetivo normal.

Foi questionando aos docentes se eles possuem algum aluno que se assume como homossexual e qual a relevância disto no contexto escolar. Dos 15 (quinze) professores, 10 (dez) afirmaram que não possuem alunos homossexuais, mas, se caso tivessem, isso não teria qualquer importância. Os outros 05 (cinco) professores afirmaram que se sentiriam mais à vontade se o aluno ou aluna não expressassem sua orientação sexual.

Quando questionado que atitude a escola deve tomar ao saber que o aluno é homossexual 07 (sete) professores afirmaram que encaminharia o aluno para orientação psicológica, 03 (três) professores responderam que não teriam qualquer atitude e 05 (cinco) professores responderam que o respeito aos desejos e interesses de qualquer aluno deve ser sempre respeitado.

Do total de entrevistados 09 (nove) professores já lecionaram, no percurso de sua carreira profissional, alunos homossexuais que foram identificados a partir do comportamento, dos mesmos, no contexto de sala de aula e/ou espaço escolar. E, segundo os docentes são poucos os alunos que declaradamente de identificam como

homossexuais. Diante da situação de declarar ou não, a opção sexual, mais uma vez os professores afirmaram que o fundamental diante de tais situações é sempre agir com respeito para com as opções do aluno. Os docentes também declararam que as escolas onde atuam buscam respeitar as diferentes opções sexuais dos alunos.

Destacamos que é preciso valorizar o indivíduo, independentemente, de sua orientação sexual. A discriminação e o estigma ameaçam a solidariedade social e as formas de mobilização que são essenciais para uma resposta participativa e inclusiva da sociedade em relação aos desafios sociais.

Os docentes entrevistados se sentem abertos e preparados para responder aos alunos sobre perguntas ligadas a sexualidade e/ou a homossexualidade. Apenas 01 (um) docente afirmou não sentir-se apto a responder, intervir e/ou encaminhar tais questões. Apesar deste índice é importante que a diversidade sexual seja tema transversal em todas as disciplinas, pois o preconceito também é vivido na escola, tanto entre professores em relação aos alunos, como entre os alunos e até mesmo entre os próprios professores. Cabe, portanto, aos cursos de formação de docentes prepararem os futuros profissionais para lidar com tais questões e, também, que as secretarias estaduais e/ou municipais de educação realizem encontros, palestras, debates para os professores, no intuito de que os mesmos se sintam mais preparados para o diálogo aberto e reflexivo com os alunos. O medo e o preconceito às diferenças, muitas vezes provocados pelo desconhecimento, geram violência física e simbólica. A escola deve ser um espaço onde seja possível experimentar e vivenciar a diversidade.

Quando questionado sobre como reagiriam em uma situação de discriminação por orientação sexual por parte de professor ou funcionário da unidade escolar, 11 (onze) professores afirmaram que conversariam com o colega que agiu desta forma. 03 (três) professores afirmaram que denunciariam o fato à gestão da escola para que a mesma tomasse os encaminhamentos necessários e apenas 01 (um) professor afirmou que não se envolveria na situação.

Diante de situações de discriminação relacionadas à orientação sexual 09 (nove) professores afirmaram que já presenciaram situações de violência e/ou discriminação entre os próprios alunos. Outros 05 (cinco) docentes afirmaram já ter presenciado situações de violência e/ou discriminação entre professores e alunos. Situação de violência e/ou discriminação entre funcionários da escola e alunos foram presenciados por 01 (um) professor.

Quando questionado sobre casais homossexuais andando de mãos dadas no ambiente escolar, 06 (seis) professores afirmaram não ver problema em tal situação. Outros 04 (quatro) professores acham que tal situação é um desrespeito. Não achar uma situação agradável, pois tal gesto poderia influenciar outras crianças e/ou jovens foi a postura de 03 (três) professores. Apesar de considerar uma situação chocante, 02 (dois) professores afirmaram não ser contra a situação.

Quando questionado como agiriam a uma situação de discriminação sexual entre alunos em uma sala de aula 06 (seis) professores responderam que realizariam um debate em sala, no intuito de amenizar, realizar trocas de opiniões e problematização de situações. 06 (seis) professores conversariam com os alunos envolvidos na situação. Os outros 03 (três) docentes encaminhariam dos alunos envolvidos à direção da unidade escolar e/ou chamariam para comparecer na escola os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos na situação de discriminação.

Através das respostas dadas, pode-se observar que significativa parte dos docentes, diante de uma situação de namoro e/ou demonstração de afeto entre alunos do mesmo sexo, não iriam repreender abertamente os alunos, mas aconselhar os alunos de que tal situação não deveria acontecer na escola. Diante da mesma situação, apenas 02 (dois) professores não considerariam nenhum problema neste fato.

Também foi questionado se presença de um aluno travesti e/ou transexual em sala de aula incomodaria o professor. Do total, 14 professores afirmaram que aceitariam tal situação sem nenhum problema e 01 (um) professor não respondeu a tal questão.

Foi perguntado, por fim, quais limites em trabalhar com a questão da sexualidade e/ou homossexualidade em sala de aula/escola. Sobre tal questão, os professores afirmaram que o que limita o diálogo e a reflexão sobre tal temática deve-se:

“A resistência de crenças e valores que fazem parte das subjetividades dos sujeitos” (PROFESSOR 5).

“Por ainda ser um tema de pouco conhecimento e entendimento, o que leva a ignorância” (Professor 3).

Diante dos limites apresentados pelos professores questionou-se quais as possibilidades de uma intervenção ética e eficiente para trabalhar com questões da sexualidade/homossexualidade. Sobre isso, os docentes apontaram:

“Inserir sempre na abordagem de conteúdo que condizem no comportamento a interação social” (Professor 1).

“Orientações e palestras, adequada para cada caso” (Professor 14).

“Trabalhando nas perspectivas dos direitos humanos e cultura de paz, refletindo sobre os direitos legais e de respeito aos outros” (Professor 7).

A escola tem a responsabilidade e o dever de formar alunos cidadãos, conscientes de seus compromissos éticos para consigo mesmos e para com a sociedade. Nesse sentido, queremos enfatizar que a diversidade, seja ela sexual ou de outra ordem, deve ser concebida como recurso social a ser promovido e respeitado nas escolas.

O educador deve se informar e se capacitar, rompendo com os preconceitos próprios. Para isso, ele deve promover diálogos e discussões continuadas em sala de aula, entre colegas professores, com os pais dos alunos, realizar grupos temáticos, grupos de trabalhos, rodas de conversa, organizar trabalhos em pares (entre alunos, entre educadores e entre pais), estabelecer ações de prevenção, promover e estimular o exercício da cidadania, propor vínculos que sejam permeados pela discussão sobre saúde e a cidadania.

Conclusão

Diante dos resultados acima elencados podemos apontar que, segundo os professores, ainda são poucos os alunos e alunas que admitem, abertamente, serem homossexuais. Os professores declararam não haver qualquer problema nos casos em que tais alunos e alunas se declaram como homossexuais.

Os docentes, em sua grande maioria, apontaram que as escolas onde atuam buscam respeitar as diferentes opções sexuais dos alunos e alunas e se sentem aptos e abertos a responder questões sobre a sexualidade e a homossexualidade.

Atos de violência (física ou verbal), o preconceito, a discriminação, etc. já foram presenciados pelos docentes dentro da sala de aula e/ou escola. Tais situações, ocorrem envolvendo a presença de alunos, professores e funcionários da instituição escolar. O diálogo foi elencado como a forma mais coerente e segura para lidar com as situações de combate a discriminação, a violência (física e verbal) e contra as atitudes homofóbicas dentro do contexto de sala de aula/escolar.

Dentre os principais limites para lidar com sexualidade e a homossexualidade na escola, os docentes apontaram a resistência às crenças e valores de alunos, pais, professores e funcionários da escola, o pouco conhecimento e gestos de preconceito ainda muito comuns. Como possibilidade de mudança, os professores elencaram que o caminho

deve incluir a conversa, palestras na escola, a reflexão em sala de aula, o estudo dos direitos legais da sociedade atual e o estudo e práticas dos valores humanos.

Por fim, é preciso refletir sobre o papel das instituições de formação docente: estão estas preparadas para levar seus alunos/docentes a refletir e intervir, positivamente, diante das atuais formas de relação humana? Ou também estão deixando tal discussão “embaixo do tapete”? Para isso, estudos que busquem compreender os currículos dos cursos de professores e de como seus professores e alunos estão agindo diante de tal temática são fundamentais.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KAMEL, Luciana. **Diversidade Sexual nas Escolas: o que os profissionais de educação devem saber**. Rio de Janeiro: ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS), 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.